

A OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Pedro Ignácio Schmitz¹

RESUMO

No estado de Santa Catarina conhecemos duas ocupações iniciais: A primeira, com mais de 8.000 anos, de caçadores, nas matas da encosta do planalto ao leste e nas matas do Alto Uruguai a oeste, que se manteve até o fim do primeiro milênio de nossa era. A segunda, um pouco mais recente, de pescadores e coletores junto a estuários, canais, mangues e baías do litoral atlântico, a qual também durou até o final do primeiro milênio de nossa era. De nenhuma delas se conhecem descendentes diretos. E conhecemos dois povoamentos mais recentes: O primeiro, de uma população que os linguistas consideram um desdobramento do núcleo Jê dos cerrados do Brasil Central, que teria começado seu deslocamento para o Sul ao redor de 3.000 anos atrás. Os arqueólogos captam sua presença a partir do primeiro milênio de nossa era, tanto no Planalto das Araucárias como na planície costeira do Atlântico. Estes são considerados os antepassados dos índios Kaingang e Xokleng, que hoje vivem de São Paulo ao Rio Grande do Sul. O segundo desses povoamentos mais recentes é de uma população de origem amazônica, identificada como Guarani que, no segundo milênio de nossa era, colonizou as várzeas do rio Uruguai e a planície costeira expulsando os ocupantes anteriores. Os guaranis hoje encontrados na planície costeira não são descendentes diretos desses primeiros, mas migrantes em busca da ‘terra sem males’, que vêm de países vizinhos; os originários morreram como escravos nas fazendas paulistas.

Palavras-chave: Povoamento. Litoral. Planície costeira. Planalto. Alto Uruguai.

ABSTRACT

In the federal state of Santa Catarina we have knowledge about two initial occupations: 8,000 years old hunters in the forests of the eastern slopes of the highlands and in the forests of the Uruguai river, who survived until the first millennium AD; and more recent fishers and collectors on estuaries, canals, mangrove swamps and bays of the Atlantic shore, who also survived until the first millennium AD; none has known descendants in the present. And about two more recent occupations: about the first, the linguists think they are a branch of the Je of the

¹ Livre-Docente em Antropologia, Doutor em Geografia e História - PUCRS. Diretor no Instituto Anchieta de Pesquisas de 1966 a 2009 (atualmente Coordenador da Arqueologia do IAP). Bolsista de produtividade sênior do CNPQ. Professor Titular na UNISINOS em várias disciplinas desde 1960. Editor da Revista PESQUISAS desde 1962. Realizou e realiza pesquisas nos estados do Rio Grande do Sul, de Goiás, de Santa Catarina e no Pantanal do Mato Grosso do Sul. E-mail: anchietano@unisinos.br.

savannas of central Brazil, who had moved to the South about 3,000 years ago. The archaeologists catch them present in the first millennium AD on the highlands of the Araucaria forest and on the Atlantic coastal plain. They are considered the ancestors of the Kaingang and Xokleng Indians now living from São Paulo through Rio Grande do Sul. The second group of more recent occupation is a population of Amazonian origin, identified as Guarani, who in the second millennium AD colonized the borders of the Uruguai river and the coastal plain of the Atlantic Ocean, expelling former occupants. The Guarani Indians now moving along the sea shore do not descend directly from the earlier occupants but are migrants from Argentina and Paraguai, in search of an evil fry world. The earlier dwellers dyed as slaves in the farms of São Paulo.

Keywords: Peopling. Sea shore. Coastal plain. Highlands. Alto Uruguai.

Introdução

A arqueologia do estado de Santa Catarina é das mais ricas e mais estudadas do Brasil. Nela estão representadas várias das populações que povoaram o Brasil a partir de 11.000 anos atrás, quando o clima se tornou mais ameno depois da última glaciação: caçadores da mata usando projéteis armados com pontas de pedra, pescadores do Oceano construtores de sambaquis, coletores de sementes que rebaixavam profundamente os pisos de suas casas e cultivadores de plantas tropicais vivendo em aldeias de boa estabilidade. São populações diferentes, que constituíam suas culturas em espaços e ambientes próprios. Embora nenhuma delas se tenha originado em Santa Catarina e seja exclusiva do Estado, todas tiveram ali uma longa trajetória, que compartilharam com populações semelhantes de áreas vizinhas.

Essa trajetória começa com a ocupação exclusiva de um espaço e a construção de um ambiente próprio. Ela continua com a afirmação desse território e o estabelecimento de uma fronteira com as outras populações. Durante milênios essas fronteiras parecem ter sido estáveis porque as primeiras populações eram pequenas e localizadas. A chegada de novos povoadores indígenas e sua posterior expansão ativaram a fronteira, criando relações econômicas, sociais e biológicas entre os grupos, mas também deslocando ou exterminando parcelas e populações inteiras. A expansão colonial portuguesa finalmente desequilibrou o jogo de forças indígenas e se apossou do território, deixando aos sobreviventes pequenos espaços protegidos, nos quais estes procuram reestruturar sua cultura para sobreviver num mundo urbano globalizado.

A pesquisa das populações indígenas de Santa Catarina começou a se afirmar na segunda metade do século XX. Ela acompanha as sucessivas tendências teórico-metodológicas adotadas pelos centros de cultura e pesquisa do Brasil. Inicialmente a produção era mais cultural e amadorista, depois mais científica e acadêmica, hoje mais patrimonial e empresarial. O resultado é grande acervo de materiais, de dados, de informações e de interpretações, nada fáceis de reduzir a relatos consistentes e consensuais. Minha incumbência é oferecer um panorama geral do povoamento, deixando a cada um dos companheiros desenvolverem seu tema particular autonomamente.

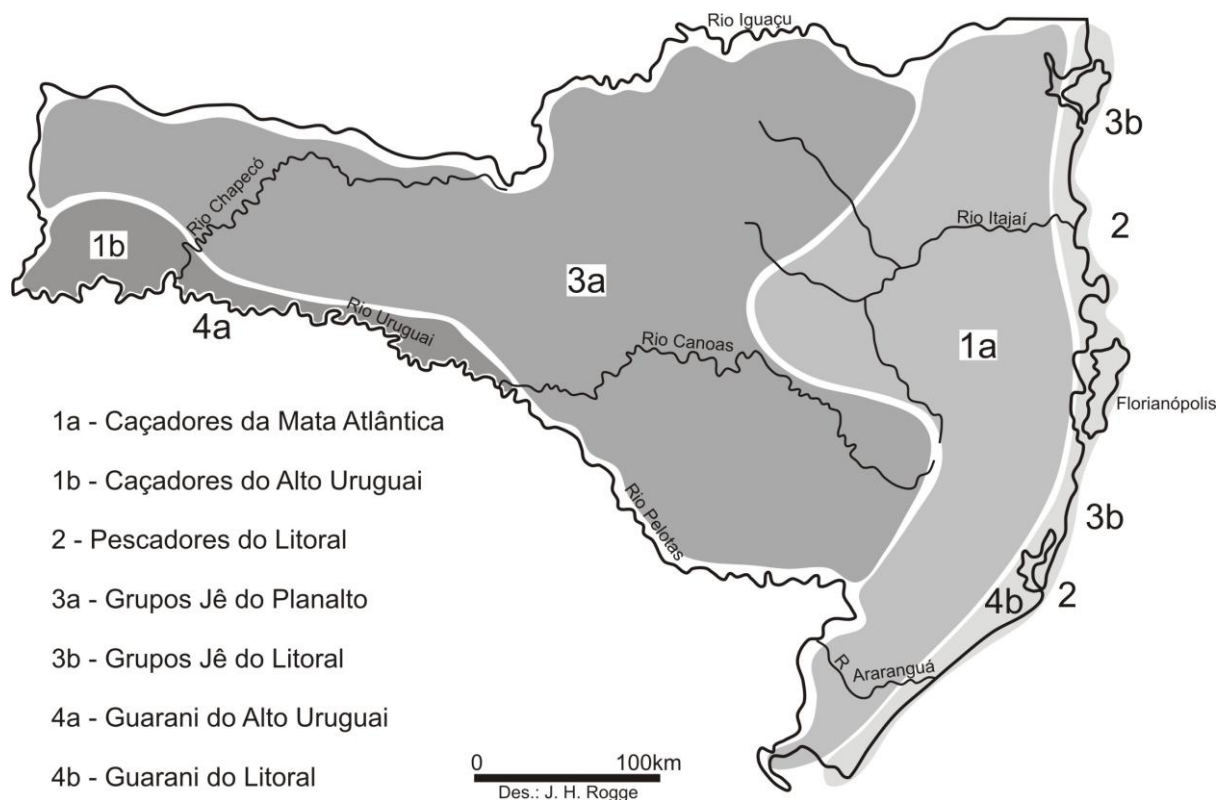
No território catarinense conhecemos duas ocupações iniciais: A primeira, com mais de 8.000 anos, de caçadores, nas matas da encosta do planalto ao leste e nas matas do Alto Uruguai a oeste, que se manteve até o fim do primeiro milênio de nossa era. A segunda, um pouco mais recente, de pescadores e coletores junto a estuários, canais, mangues e baías do litoral atlântico, a qual também durou até o final do primeiro milênio de nossa era. De nenhuma delas se conhecem descendentes diretos.

E conhecemos dois povoamentos mais recentes: O primeiro, de uma população que os linguistas consideram um desdobramento do núcleo Jê dos cerrados do Brasil Central, que teria começado seu deslocamento para o Sul ao redor de 3.000 anos atrás. Os arqueólogos captam sua presença a partir do primeiro milênio de nossa era, tanto no Planalto das Araucárias como na planície costeira do Atlântico, mas ainda deixam sua história anterior na obscuridade. Estes são considerados os antepassados dos índios Kaingang e Xokleng, que hoje vivem de São Paulo ao Rio Grande do Sul. O segundo desses povoamentos mais recentes é de uma população de origem amazônica, identificada como Guarani, que colonizou as várzeas dos rios e a planície costeira do Sul do Brasil a partir do primeiro milênio de nossa era. No segundo milênio ela avançou para Santa Catarina, ocupando a planície costeira, donde expulsou ocupantes anteriores, e as várzeas do alto rio Uruguai, onde abriu uma brecha no povoamento do grupo anterior. Os guaranis hoje encontrados na planície costeira não são descendentes diretos desses primeiros, mas migrantes em busca da ‘terra sem males’; eles vêm de países vizinhos; os originários morreram como escravos nas fazendas paulistas.

A colonização indígena do estado de Santa Catarina tem uma base ambiental que separa o território em zonas: litoral, planície costeira, encosta do planalto, planalto das Araucárias e Alto rio Uruguai, todas aptas para a ocupação, nenhuma com excessiva vantagem sobre as demais. Esta se deu no período de amenização geral do clima após a

última glaciação mundial, quando todos os ambientes estavam em mudança, diversificando e aumentando seus recursos. As populações que chegam fazem parte do processo de povoamento da América do Sul, no qual culturas nascem, se desenvolvem, expandem, enfrentam concorrentes, podem ser deslocadas, definir e desaparecer.

O mapa localiza as populações nos respectivos ambientes.



A bibliografia sobre as culturas indígenas do estado já é muito grande, tornando inadequada a citação no texto para comprovação de cada afirmação. Por isso, no fim de cada item, destaco obras importantes para a compreensão do tema tratado.

Destaques bibliográficos: PROUS & PIAZZA (1977); ROHR (1984); PROUS (1992); FARIAS & KNEIP (2010).

Os caçadores da mata: 8.000 a 1.000 anos antes do Presente (A.P.)

A mata atlântica da encosta do planalto e a mata subtropical do Alto Uruguai se desenvolveram quando o clima se tornou mais ameno depois da última glaciação mundial, ao redor de 11.000 anos atrás. Nesse tempo o planalto continuava coberto por campos nativos; a planície litorânea estava em formação, trabalhada por sucessivos avanços e recuos das águas do Oceano. As matas ofereciam, então, a maior variedade e

quantidade de alimentos de origem animal e vegetal, e as melhores condições de abrigo, usando abas rochosas ou construindo pequenas choupanas sob a proteção das árvores.

É nessas matas que se encontram os mais antigos vestígios da presença humana no Sul do Brasil. Nos lugares em que acamparam, tanto em abrigos rochosos como ao ar livre, podem ser vistos os lugares de suas fogueiras, armadas com pequenos seixos ou blocos rochosos, ainda cheios de cinza e carvão. Junto deles estão os artefatos lascados e milhares de resíduos provenientes desta produção. Em lugares abrigados se conservaram os ossos dos animais caçados e os caroços carbonizados das frutas colhidas, alguma vez os esqueletos dos falecidos. Analisando o conjunto destes elementos podemos reconstituir elementos de sua vida e, com o carvão de suas fogueiras, obter datas para construir uma história.

A presença de numerosos abrigos rochosos, com restos arqueológicos preservados, na encosta nordeste do Rio Grande do Sul, fez que, durante muito tempo, os estudos se concentrassem nessa região, levando à proposta de um padrão de povoamento, cobrindo de 9.000 a 1.000 anos atrás. A mata atlântica da encosta leste de Santa Catarina, onde não há grandes abrigos chamando atenção, os arqueólogos chegaram depois, mas já localizaram mais de 300 acampamentos a céu aberto, em baixas e médias vertentes de pequenos cursos de água; as datas vão de mais de 8.000 anos até o começo do segundo milênio de nossa era. Nas barrancas do rio Uruguai há muito tempo se conhece que, desde 8 m de profundidade, afloram bases de acampamentos de caçadores da mata subtropical, cujas datas recuam a mais de 8.000 anos e continuam por vários milênios. Recentemente, três desses sítios receberam tratamento especializado e confirmaram as datas antigas.

As pesquisas mostram que a mata atlântica e a floresta subtropical foram povoadas em tempo semelhante, mas condições climáticas e disponibilidades locais, além da descontinuidade dessas matas, levaram grupos locais a formar identidades diferenciadas e a se distinguir na forma de acampar e de produzir seus instrumentos.

O padrão de abastecimento desses caçadores é característico de moradores de mata, e pode ser considerado amazônico. A tecnologia usada na produção dos instrumentos de pedra lembra a Patagônia. A origem da população continua desconhecida.

O assentamento, tanto nos abrigos rochosos, como a céu aberto, é de acampamentos passageiros, que deixaram para trás lugares de fogueiras, junto às quais se preparavam e consumiam os alimentos, se produziam e reformavam instrumentos.

No mesmo acampamento, separadas por pequenos espaços, costumam existir mais fogueiras, indicando a presença de várias famílias. O acampamento muitas vezes se repete no mesmo lugar, criando uma camada escura cheia de resíduos.

Nos assentamentos a céu aberto das matas de Santa Catarina não se conservaram restos de alimentos. Mas em abrigos rochosos mais secos do nordeste do Rio Grande do Sul foi possível recuperar informações básicas sobre a alimentação. Ali aparecem ossos ou carapaças de todos os animais existentes na mata, mamíferos, aves, répteis, peixes e moluscos, além de caroços de frutas, especialmente cocos de palmeiras. Esses restos identificam um caçador e coletor generalista. Ele não seleciona os animais por seu tamanho, gosto da carne, ou abundância de gordura, mas apanha toda espécie de animais, desde antas, porcos do mato, veados, macacos, tatus, gambás, ratos e serpentes, e ainda ovos de aves, especialmente os da ema. As frutas e outros produtos da mata também deveriam ser importantes. No seu proceder o Homem acompanha a natureza, na qual não existem animais vivendo em grandes bandos, nem vegetais que pudessem formar um alimento básico.

Os instrumentos de pedra característicos desses assentamentos são pequenas pontas de pedra que armavam os projéteis de caça. Junto a elas ficaram também fragmentos e lascas retocadas que usariam para cortar e raspar madeira ou peles. E grande volume de refugo representado por blocos e seixos usados como matéria prima ou percutor eventual, lascas sem utilidade e instrumentos malogrados. A qualidade e o tamanho dos seixos e blocos da matéria prima resultaram em diferenças nos produtos finais, como se observa comparando os artefatos da encosta do planalto com os da margem do rio Uruguai.

Ainda se conhece pouco sobre o destino e tratamento que davam aos corpos dos mortos.

Um número considerável de datas de C¹⁴ cobre a trajetória geral dos caçadores da floresta. Elas são mais numerosas e abrangentes na encosta do planalto, menos completas no vale do rio Uruguai. A população do vale do rio Uruguai se tornou invisível quando o Guarani colonizou essas matas no segundo milênio de nossa era, e a da encosta leste do planalto quando o Xokleng tomou conta da mata atlântica num período provavelmente um pouco mais recente.

Destaques bibliográficos: FARIAS (2005); SCHMITZ et al. (2009); CLAUDINO (2008); SCHMITZ (2011); HÖLTZ & BRÜGGEMANN (2011); COSTA (2012).

Os pescadores do litoral oceânico: 8.000 a 1.000 anos antes do Presente (A.P.)

É difícil contar a história completa dos pescadores oceânicos porque o ambiente em que viviam foi muitas vezes modificado pelas subidas e descidas do nível do mar. Nas subidas ele afogava a planície litorânea, destruindo o que ali havia, e só com a última descida, a partir de uns 5.000 anos atrás, se estabilizaram os ambientes, nos quais esta população costumava se instalar, que são os estuários, canais, mangues, as lagoas e baías junto ao litoral atlântico. Esta é a razão porque os principais sítios existentes se concentram em idades entre aproximadamente 5.000 e 1.000 anos atrás. Em lugares não atingidos pela subida e descida das águas oceânicas podem ser encontrados pequenos assentamentos com idades até 8.000 anos. Eles sugerem que o modo de vida do pescador oceânico nasceu no mesmo tempo que a caça no mato, como alternativa e complemento da ocupação do território.

Quando o litoral se estabilizou, ele ofereceu bens mais variados, abundantes e confiáveis que a caça em terra firme, possibilitando assentamento permanente ao longo da costa; a concentração dessa riqueza em certos lugares redundou, em período recente, em crescimento populacional e nucleação regional, que se expressou na construção de sambaquis monumentais.

Este modo de vida se estendeu ao longo do litoral, de forma característica, desde o norte do Rio Grande do Sul até o Espírito Santo, ocupando um território homogêneo. Não se conhece onde e quando ele surgiu no Brasil, em cujo litoral se tornou patrimônio de uma população que se diferenciava dos caçadores por suas características biológicas e culturais. A exploração intensiva de recursos marinhos e o consequente aumento demográfico se popularizavam pelo mundo neste começo do período quente pós-glacial.

As estruturas deixadas pelos pescadores marinhos são conhecidas como sambaquis, depósitos estratificados de restos de peixes, moluscos, mamíferos, aves, sementes carbonizadas, artefatos de pedra, osso e concha e ainda numerosos sepultamentos, claramente resultantes de ação humana. As estruturas podem ser pequenas, medindo dezenas de metros de extensão por alguns metros de espessura; ou grandes a muito grandes, alcançando centenas de metros de comprimento e mais de trinta metros de altura.

Nas interpretações mais comuns essas estruturas são apresentadas, ora como lixeiras, surgidas naturalmente no lugar de assentamentos pesqueiros; ora como plataformas para servir de base de acampamento, levantadas com restos de fauna buscados e reunidos especificamente como material de construção; por fim, como

gigantescos monumentos funerários, como os conhecidos da planície do rio Mississipi, que seriam símbolos de poder, levantados com sedimentos e elementos de fauna, e incrementados com os restos de banquetes funerários realizados por ocasião dos sepultamentos.

Assim, da ênfase inicial na descrição de estruturas separadas, ordenadas cronologicamente, passou-se ao estudo da colonização do litoral feita por uma sociedade econômica, social, política e ritualmente organizada. As teorizações tornaram mais complexa a leitura dos sambaquis e do modo de vida dos pescadores oceânicos, mas deixaram algumas perguntas sem resposta.

Uma delas é a moradia. Os arqueólogos enxergam tão poucas evidências das habitações em que esta massa de pescadores litorâneos vivia, trabalhava e se reproduzia que continuam buscando seu lugar, tamanho e características.

Os resíduos de sua alimentação testemunham que conseguiam um abastecimento de amplo espectro sem precisar muito deslocamento: os locais escolhidos para a instalação os deixavam próximos da mata atlântica com sua caça grande e frutas variadas; da água salobra das lagoas, canais e manguezais com variedade de peixes, crustáceos e moluscos; e na borda das águas salgadas do Oceano, com mais moluscos e crustáceos e maior variedade de peixes, aves e mamíferos marinhos. Para a consecução desses bens a canoa era o meio de locomoção necessário; o arpão com ponta de osso, a rede e os cestos os instrumentos de apanha.

A indústria lítica era abundante e se constituía principalmente de artefatos polidos sobre dioritos e basaltos, rochas que afloram em diques junto à praia. Os mesmos diques que forneciam a matéria prima eram usados como base para polir e afiar os instrumentos, deixando típicas depressões circulares e lineares. Os principais artefatos produzidos eram utilitários, constituídos por lâminas de machados, polidores manuais ou mós, quebra-coquinhos, percutores e pesos de rede; mas também havia numerosos objetos de adorno e pequenas esculturas em pedra.

As sepulturas eram numerosas em todos os sambaquis, sem formarem cemitérios separados, ocuparem lugares especiais, ou distinguirem os indivíduos por razões sociais. Os corpos eram sepultados estendidos ou dobrados, munidos de seus ornamentos pessoais e colocados em covas que podiam estar forradas de argila, areia branca ou conchas. Nessas sepulturas estão representados ambos os sexos e todas as faixas de idade. A morte de imaturos era grande, os indivíduos que chegavam ao estado adulto não ficavam muito velhos, a anemia era uma constante, mas os traumatismos

provocados por golpes e outros sinais de conflito aparecem raramente, em assentamentos recentes.

Este foi um modo de vida de sucesso quando comparado com outros que existiam ao mesmo tempo. E foi no litoral de Santa Catarina que ele teve sua maior realização. Estranhamente, na transição para o segundo milênio de nossa era, seus assentamentos foram sendo desativados. O território estava sendo penetrado por uma população conhecida como Jê Meridional, com a qual os pescadores se associaram; mas esta associação não durou porque, algumas gerações depois, a planície costeira, com seu cordão de lagoas, foi ocupada por uma população de origem amazônica, que se instalara nas terras férteis do Rio Grande do Sul, donde se expandiu para Santa Catarina.

Destaques bibliográficos: BECK (1974); HURT (1974); BRYAN (1977); SCHMITZ et al. (1993); SCHMITZ & BITENCOURT (1996a, 1996b); NEVES (1988); OLIVEIRA (2000); DE BLASIS & AFONSO (2000); DE MASI (2001); KNEIP (2004); DE BLASIS et al. (2007); OKUMURA (2008).

Grupos Jê no planalto das Araucárias e no litoral atlântico: 1.500 anos A.P. até hoje

Enquanto os caçadores povoavam a mata atlântica da encosta e a mata subtropical do rio Uruguai e os pescadores floresciam no litoral atlântico, as terras do planalto e a planície sedimentar da costa pareciam desabitadas. O planalto ainda era coberto por campos nativos e a planície estava em consolidação.

Em meados do primeiro milênio de nossa era aparecem, no planalto dos três estados do sul, assentamentos com características depressões semi-esféricas, cavadas no solo, que os arqueólogos depois identificaram como ‘casas subterrâneas’. Nas mesmas datas surgiram sepulturas humanas em abrigos do planalto de Santa Catarina. São os primeiros testemunhos concretos de uma população que os arqueólogos denominam Jê Meridional, considerando-o ancestral do índio Kaingang e Xokleng. As depressões aglomeradas, sobrepostas, cada uma delas ocupada várias vezes, indicam que se trata de acampamentos muitas vezes repetidos no mesmo lugar, supostamente para colher a semente de Araucária, de um bosque pioneiro. Segundo os botânicos, neste tempo a mata de Araucária, que estivera recolhida em vales abrigados, teria começado a invadir os campos do planalto ao longo de pequenos cursos de água e formaria seus primeiros bosques. Em Santa Catarina, estas pequenas depressões se repetem por dois a três

séculos. Nelas ainda não há cerâmica; esta aparece no século IX, com características da tradição Itararé.

Segundo os linguistas a população Jê Meridional teria sua origem nos cerrados do Brasil Central, donde começaria a se mover para o sul ao redor de 3.000 anos atrás. Captando sua presença apenas em meados do primeiro milênio de nossa era estaríamos atingindo só a metade da história proposta. É verdade que no planalto há indícios de que, antes da dispersão da Araucária, havia índios queimando campos, talvez para atrair a caça com o rebrote da vegetação. Duas datas isoladas do primeiro milênio antes de nossa era, na bacia do rio Canoas, podem estar ligadas a estes caçadores. Seriam estes os primeiros Jê Meridionais do planalto de Santa Catarina?

O Jê Meridional, desde que o captamos por primeira vez, estava ligado ao uso do pinhão e assim ele continuou pelo resto de sua história. Segundo os botânicos, ao redor de 1.000 atrás, depois de um lento desenvolvimento, a Araucária teria feito uma primeira grande expansão no planalto que leva seu nome; uma segunda ao redor de 800 anos. Seguindo essas expansões, milhares de casas subterrâneas surgiram no planalto. Elas se tornaram maiores e mais estruturadas e se agruparam em inúmeros novos sítios. Estes não são verdadeiras aldeias, mas agregados de casas de ocupação temporária, repetida várias vezes. A estabilidade do assentamento não estava ligada à casa, nem ao sítio em que elas se repetiam, mas ao território no qual circulavam defendendo seu sustento.

Entre conjuntos de sítios próximos foram surgindo grandes estruturas de sociabilidade coletiva, que os arqueólogos chamam ora ‘danceiros’, ora ‘estruturas anelares’, ora ‘pátios de aldeia’, recintos circulares ou retangulares fechados por taipas de terra, contendo em seu interior montículos com sepulturas de indivíduos cremados ou mesmo ‘casas subterrâneas’. Com isso o grupo atingiu o apogeu da organização.

A ‘casa subterrânea’, que é a característica do povoamento, não se restringe à depressão cavada no solo; ao redor dela se fazia um largo aterro nivelado que, junto com a depressão, era coberto por alta estrutura aérea feita de troncos e palha. Há depressões geminadas cujo aterro nivelado fecha uma superfície de 15 por 20m. E há depressões, que sem o aterro, alcançam 20m de diâmetro e 7m de profundidade; com o aterro podem dobrar esta superfície. Decididamente, a população, no período de sua grande expansão, não vivia em buracos no chão, mas em casas grandes, fruto de investimentos solidários, que tinham um centro rebaixado, onde se acendia o fogo, e uma larga borda que servia para circulação, repouso e guarda de material.

Os mortos eram depositados em grutas ou abrigos rochosos de utilização coletiva, onde os biólogos identificaram dezenas de indivíduos. Quando não havia abrigos adequados na proximidade, os corpos eram enterrados junto das habitações, onde as sepulturas aparecem como montículos alongados, semelhantes aos de antigos cemitérios do interior. A deposição de ossos cremados em 'estruturas anelares', em tempos recentes, não é a norma, mas a exceção.

Quase nada sabemos sobre o abastecimento, neste tempo; no interior das casas são bastante comuns cascas carbonizadas de pinhões; num abrigo aparecem restos de milho. No século XIX o milho já era importante entre as tribos e hoje ele forma a base da grande festa dos mortos.

Os instrumentos que se conservaram podem ser divididos em lâminas de machado e grandes mãos de pilão, primorosamente polidas, e em artefatos expeditos representados por lascas simples ou retocadas, talhadores e raspadores.

O grupo do planalto não foi muito atingido pela expansão do Guarani, com o qual mantinha uma fronteira ao longo do Alto Uruguai. A passagem do caminho das tropas, seguido da instalação de fazendas nos Campos de Lages e, por fim, a implantação de colonos, foi modificando o sistema de assentamento, tornando a população móvel e instável. A etapa derradeira foi a reclusão em reservas ou terras indígenas dos grupos que resistiam à entrega de suas terras aos colonizadores de origem europeia. Hoje, os sobreviventes estão novamente se afirmando em busca de um lugar no mundo globalizado.

O Jê Meridional não existiu só no planalto das Araucárias, mas teve desenvolvimento paralelo na planície costeira e no litoral atlântico, onde não havia pinhões, mas fartura de outros recursos, especialmente os aquáticos. Em meados do primeiro milênio de nossa era ele formou um grande cemitério junto à desembocadura do rio Araranguá, ao qual recolhia os corpos dos que morriam peregrinando pela planície costeira. A forma de sepultar os corpos, inteiros, descarnados, ou cremados, o faz diferente dos pescadores litorâneos e também dos moradores do planalto. Ali também ele desconhecia a cerâmica.

Pelo século IX, já dominando a cerâmica, ele começa a criar aldeias colocadas diretamente sobre o litoral marítimo e, a partir delas, explora a pesca, a coleta de moluscos e crustáceos e a caça de animais marinhos e terrestres. Ali ele se associa com os pescadores antigos, biológica e culturalmente, mas seus estabelecimentos serão diferentes e separados, como também será sua identidade. As casas são grandes e

estáveis, e as novas construções se fazem sobre as ruínas das anteriores, mantendo os mesmos espaços. Os mortos são guardados dentro das casas, ao longo das paredes, ou em pequenos cemitérios separados, provavelmente também de caráter familiar. Dentro de uma só casa estavam sepultados 33 indivíduos. A população não era pequena e o território era identificado com muitas gravuras elaboradas sobre blocos rochosos voltados para o alto mar; elas poderiam ser úteis para pescadores e navegantes se orientarem na volta para casa.

As datas dessas aldeias cobrem do século IX ao XII de nossa era e desaparecem. Suspeita-se que o avanço do Guarani pela planície costeira possa tê-los eliminado ou expulso. O aparecimento mal explicado do Xokleng na mata atlântica da encosta do planalto poderia ter algo a ver com essa expulsão. Esses Xokleng ofereceram considerável resistência à instalação dos colonos no vale do Itajaí e hoje estão em reservas.

É costume usar a cerâmica da tradição Taquara/Itararé como identificadora do Jê Meridional. Recentes pesquisas, em Santa Catarina, mostram que há um período de séculos, tanto no planalto como no litoral, em que o Jê Meridional não usava cerâmica. Isso torna mais difícil identificar seus primeiros passos e separar seus assentamentos daqueles de outros grupos que também não a usavam. Posteriormente a cerâmica se generalizou. Os arqueólogos ainda não encontraram uma estratégia para identificar grupos dentro da população Jê Meridional como fazem os linguistas separando línguas e dialetos. Talvez a cerâmica e a falta dela possam ajudar nessa identificação.

Destques bibliográficos sobre o planalto: PIAZZA (1969b); ROHR (1971); DE MASI & ARTUSI (1985); CALDARELLI & HERBERTS (2002); DE MASI (2006, 2009); REIS (2007); SCHMITZ et al. (2009, 2010); SCHMITZ & ROGGE (2011, 2012); MÜLLER (2011); MÜLLER & MENDONÇA DE SOUZA (2011)

Destques bibliográficos sobre a planície costeira e o litoral: BECK (1968); SILVA et al. (1990); SCHMITZ et al. (1993, 1999); SCHMITZ & VERARDI (1996); BANDEIRA (2004); COMERLATO (2005); FOSSARI (2004).

A expansão guarani: 600 a 300 anos A.P.

O Guarani foi o último a chegar a Santa Catarina, em busca de terras florestadas, com solos aptos para o cultivo. A origem dessa população é a floresta do sul da Amazônia. No primeiro milênio de nossa era ele tinha iniciado a colonização das várzeas e baixas vertentes dos rios que drenam o planalto, criando forte presença no

Paraguai, na Argentina e no sul do Brasil. No segundo milênio, um pouco antes do Descobrimento europeu, ele colonizou as matas subtropicais do Alto rio Uruguai, abrindo uma estreita brecha no povoamento Jê Meridional; ao mesmo tempo se expandiu ao longo do litoral atlântico, ocupando os terrenos planos e arenosos da planície costeira, entre o cordão de lagoas e a encosta do planalto.

Seu povoamento era diferente dos anteriores: ele construía aldeias que se compunham de várias casas, habitadas por famílias nucleares ou estendidas, que se desdobravam para ocupação de novas áreas. O sustento básico era fornecido por plantas tropicais trazidas de seu território de origem, como o milho, a mandioca, os feijões, o amendoim, a batata doce. A caça nas matas próximas à aldeia fornecia as proteínas animais; ela era voltada para animais de porte maior, que rendiam bastante carne e gordura; importante era também a pesca no rio Uruguai e nas lagoas costeiras.

O avanço para novas terras cultiváveis era inexorável e excludente; a retaguarda estava ocupada por grande massa de gente e não permitia parada ou retrocesso. Os limites desse avanço foram sendo estabelecidos pela natureza, a tecnologia e outras populações: os campos e bosques de pinheiros do planalto se prestavam pouco para seus cultivos e suas técnicas e estavam ocupados pelo Jê Meridional; a úmida mata atlântica da encosta leste também era menos apta e se encontrava sob o domínio de antigos caçadores, depois também de grupos Xokleng.

O Guarani era uma população grande, densa, expansiva, sujeita a permanentes conflitos internos e de fronteira, que deixaram marcas bem visíveis nos seus restos de alimentos, onde ossos humanos quebrados, cortados e queimados aparecem com regularidade.

Horticultor efetivo de floresta, suas aldeias produziam todo tipo de artefatos para o cultivo, a caça e o aparelhamento das casas. Entre eles se destaca a cerâmica, abundante e variada em acabamento, tamanho e uso. Dela se reuniram grandes coleções no momento em que a colonização europeia se intensificou nas margens do rio Uruguai e no litoral atlântico. Chamam atenção especialmente os grandes vasos destinados a preparação de bebidas que, depois de velhos, podiam transformar-se no ‘caixão’ de um falecido; deles os museus estão bem abastecidos. Suas muitas vasilhas pintadas deram oportunidade para mostrar a regularidade e consistência dos padrões de produção e decoração, que podem ser tomados como amostra do que também deveria valer em suas normas sociais e econômicas.

Por se tratar de uma população densa, numerosa e com o melhor desenvolvimento econômico e social de toda a região, ela interessou muito ao colonizador. Os jesuítas espanhóis fundaram com eles, no começo do século XVII, cerca de 60 missões, no Paraguai, na Argentina e no sul e oeste do Brasil. Um núcleo forte dessas missões localizava-se em ambas as margens do rio Uruguai, mas nenhuma foi criada entre os guaranis do alto curso, no estado de Santa Catarina, nem eles foram arrebanhados para elas. Os moradores da região desapareceram pelo século XVII, provavelmente apresados por bandeirantes paulistas que por ali passavam a caminho das missões dos jesuítas, rio abaixo, onde buscavam escravos para abastecer o mercado, falta de mão-de-obra africana.

Na passagem do século XVI para XVII os jesuítas do Brasil também tentaram fundar missões entre os guaranis da planície costeira, mas os bandeirantes de São Paulo foram mais rápidos, levando todos os índios da planície costeira como escravos para suas fazendas. Os guaranis que hoje migram ao longo do litoral e criam pontos de parada ao longo das rodovias, vêm de reservas indígenas do Paraguai e da Argentina em busca de uma ‘terra sem males’.

Destaques bibliográficos sobre o vale do rio Uruguai: ROHR (1966); PIAZZA (1969a, 1971); CARBONERA (2008); OLIVEIRA (2009); SCHMITZ & FERRASSO (2011); MÜLLER & MENDONÇA DE SOUZA (2011).

Destaques bibliográficos sobre a planície costeira: SCHMITZ (1959); LAVINA (2004); LINO (2009); MILHEIRA (2010).

Comentários finais

O estado de Santa Catarina proporciona excelentes amostras do povoamento indígena do Brasil. A diversidade de ambientes, num território relativamente pequeno, deu oportunidade para instalação e desenvolvimento de várias populações humanas surgidas no período holocênico em espaço tropical: caçadores, pescadores, coletores de sementes e horticultores. Nenhuma das correspondentes populações terá nascido no lugar, mas para cá vieram com seu modo de vida e aqui o desenvolveram. O caçador de floresta suspeita-se criação amazônica; a mata densa da encosta, longe de abrigos rochosos, é o lugar em que melhor exhibe seu sistema original de assentamento. O pescador oceânico está no limite meridional de seu território, mas é o espaço em que mostra suas melhores realizações; atualmente começam a aparecer ali também as datas mais antigas de sua experiência marítima. A população Jê, migrada dos cerrados

tropicais, compreendeu a riqueza que se estava formando no planalto frio e no litoral banhado pela corrente polar e criou duas adaptações exitosas, uma para cada ambiente; é a única das populações nativas que sobreviveu, localmente, aos sucessivos impactos de novas colonizações e desde algum tempo está incrementando sua população, aumentando a perspectiva de sobrevivência num mundo urbano globalizado. O Guarani, horticultor amazônico, produziu aqui uma das maiores populações nativas do Brasil; não sobreviveu localmente, mas está novamente muito presente, buscando antigas matas como parcelas de uma ‘terra sem males’.

Os variados ambientes que se vinham desenvolvendo no subtropical, depois do último período glacial, foram capazes de receber todos esses grupos tropicais e lhes proporcionar uma nova base. Isto foi possível porque os espaços locais não eram ilhas, mas partes de ambientes maiores que, em consequência da melhoria climática pós-glacial, estavam ampliando e adensando seus recursos.

Quando o arqueólogo procura o lugar e a cultura originais das populações aqui instaladas sofre uma desilusão grande: nem o lugar, nem a cultura ele encontra. Vivendo centenas ou milhares de anos em ambientes dinâmicos, nos quais se movimentavam populações humanas diferentes elas produziram e continuam produzindo não só culturas, mas identidades irreversíveis.

A trajetória dos grupos, que foi assunto desta pequena composição, está-se tornando mais compreensível com diversos projetos acadêmicos e empresariais recentes, mas ainda carece de muito investimento, para primeiro consolidar o conhecimento e depois transformá-lo em patrimônio das populações sobreviventes e dos atuais detentores do espaço, locais e nacionais.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, D. da R. *Ceramistas pré-coloniais da baía da Babitonga, SC*. Arqueologia e Etnicidade. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em História, UNICAMP, Campinas, 2004.

BECK, A. A cerâmica dos sambaquis do litoral Norte de Santa Catarina. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº 18, p. 89-100, 1968.

BECK, A. *O sambaqui de Enseada I (SC-LN-71): um estudo da tecnologia pré-histórica*. Tese (Livre-docência) – Curso de Antropologia, UFSC, Florianópolis, 1974.

BECK, A. *A variação do conteúdo cultural dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina*. Erechim: Habilis, 2007.

BRYAN, A.L. Resumo da arqueologia do sambaqui do Forte Marechal Luz. *Arquivos do Museu de História Natural*, nº 2, p. 9-30, 1977.

CALDARELLI, S.B.; HERBERTS, A.L. Estruturas habitacionais na bacia do Rio Chapecó, extremo oeste catarinense. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº 58, p.139-156, 2002.

CARBONERA, M. *A tradição tupiguarani no Alto Uruguai: estudando o “Acervo Marilandi Goulart”*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, UNISINOS, São Leopoldo, 2008.

CLAUDINO, D. da C. *Arqueologia na Encosta Catarinense: em busca dos vestígios materiais Xokleng*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, UNISINOS, São Leopoldo, 2008.

COMERLATO, F. *As representações rupestres do litoral de Santa Catarina*. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em História, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

COSTA, S.S. da. *Arqueologia no Alto Uruguai: a Foz do Chapecó*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, UNISINOS, São Leopoldo, 2012.

DE BLASIS, P.A.D.; AFONSO, M.C. Indicadores de complexidade nos grandes sambaquis do litoral sul do Brasil: o caso de Espinheiros II, Joinville. In: COIROLO, A. & BOKSAR, R.B. (Ed.). *Arqueología de las Tierras Bajas*. Montevideo, 2000, p. 343-352.

DE BLASIS, P.A.D. et al. Sambaquis e paisagem. Dinâmica natural e arqueologia regional no litoral sul do Brasil. *Arqueologia Sul-Americana*, Cauca, v. 3, nº 1, p. 29-61, 2007.

DE MASI, M.A.N.; ARTUSI, L. Fase Itapiranga: sítios da tradição planáltica. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº40, p.99-121, 1985.

DE MASI, M.A.N. de Pescadores coletores da costa do Brasil. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº57, p. 1- 136, 2001.

DE MASI, M.A.N. de Arqueologia das terras altas do Sul do Brasil. O baixo Rio Canoas, SC. In: DE MASI, M. A. N. (Ed.). *Xokleng 2860 a.C. As terras altas do Sul do Brasil*. Tubarão: Editora da UNISUL, 2006, p. 47-75.

DE MASI, M.A.N. de Centros cerimoniais do Planalto Meridional: uma análise intra-sítio. *Revista de Arqueologia*, v. 22, nº 1, p. 99-113, 2009.

FARIAS, D.S.E. *Distribuição e padrão de assentamento – propostas para sítios da Tradição Umbu na Encosta de Santa Catarina*. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em História, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

FARIAS, D.S.E.; KNEIP, A. *Panorama arqueológico de Santa Catarina*. Palhoça: Editora UNISUL, 2010.

FOSSARI, T.D. *A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina*. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Geografia, UFSC, Florianópolis, 2004.

HOELTZ, S.E.; BRÜGGEMANN, A.A. As indústrias líticas na área da UHE Foz do Chapecó, oeste catarinense: antiguidade, estratégia tecnológica e variabilidade. In: CARBONERA, M.; SCHMITZ, P.I. (Orgs.). *Antes do Oeste Catarinense: Arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Argos, Editora da UnoChapecó, 2011, p. 105-136.

HURT, W.R. The interrelationship between the natural environment and four sambaquis, coast of Santa Catarina, Brazil. *Occasional Papers and monographs*, Indiana University, Bloomington, 1974.

IRIARTE, J.; BEHLING, H. The expansion of Araucaria forest in the southern Brazilian highlands during the last 4000 years and its implication for the development of the Taquara/Itararé Tradition. *Environmental Archaeology*, v.12, nº 2, p. 115-127, 2007.

KNEIP, A. *O povo da Lagoa: o uso do SIG para modelamento e simulação na área arqueológica do Camacho*. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Arqueologia, USP, São Paulo, 2004.

LAVINA, R. Antes do Carijó – a tradição Tupiguarani em Santa Catarina vista pela arqueologia. In: BRANCHER, A.; ARENDD, S.M.F. (org.). *História de Santa Catarina: século XVI a XIX*. Florianópolis: UFSC, 2004, p. 1-25.

LINO, J.T. *Arqueologia guarani na bacia hidrográfica do Rio Araranguá, Santa Catarina: aspectos de territorialidade e variabilidade funcional*. Erechim: Hábilis, 2009.

MILHEIRA, R.G. *Arqueologia guarani no litoral sul-catarinense: história e território*. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Arqueologia, USP, São Paulo, 2010.

MÜLLER, L.M. (Org.). *Estudo e valorização do patrimônio arqueológico do vale do Rio Pelotas, SC: a contribuição da UHE Barra Grande*. Florianópolis: Scientia, 2011.

MÜLLER, L.M.; MENDONÇA DE SOUZA, S. Enterramentos Guarani: problematização e novos achados. In: CARBONERA, M.; SCHMITZ, P.I. (Org.). *Antes do Oeste Catarinense. Arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Argos, Editora da UnoChapecó, 2011, p. 167-218.

MÜLLER, L.M.; MENDONÇA DE SOUZA, S. Cremações e sepultamentos: as estruturas anelares do planalto. In: CARBONERA, M.; SCHMITZ, P.I. (Org.). *Antes do Oeste Catarinense. Arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Argos, Editora da UnoChapecó, 2011, p. 269-305.

NEVES, W.A. Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral do Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina). *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº 43, p. 1-178, 1988.

OKUMURA, M.M.M. Diversidade morfológica craniana, micro-evolução e ocupação pré-histórica da costa brasileira. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº 66, p. 1-306, 2008.

OLIVEIRA, M.S.C. Os *sambaquis da planície costeira de Joinville, Litoral Norte de Santa Catarina: Geologia, paleografia e conservação In Situ*. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Geografia, UFSC, Florianópolis, 2000.

OLIVEIRA, K. de A cerâmica pintada da Tradição Tupiguarani: estudando a coleção de Itapiranga. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos*, São Leopoldo, nº11, p. 5-88, 2009.

PIAZZA, V.F. Notícia arqueológica do vale do Uruguai. *Publ. Av. M. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, nº 10, p. 55-74, 1969a.

PIAZZA, V.F. A área arqueológica dos “Campos de Lages”. *Publ. Av. M. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, nº13, p. 63-75, 1969b.

PIAZZA, V.F. Dados complementares à arqueologia do vale do Uruguai. *Publ. Av. M. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, nº15, p. 71-86, 1971.

PROUS, A. *Arqueologia brasileira*. Brasília: Editora UNB, 1992.

PROUS, A.; PIAZZA, W.F. Documents pour la préhistoire du Brésil Meridional 2. L'état de Santa Catarina. *Cahiers d'Archeologie d'Amerique du Sud*, Paris, nº 4, p. 1-178, 1977

REIS, M.J. *A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense*. Erechim: Habilis, 2007.

ROHR, J.A. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº 15, p. 21-59, 1966.

ROHR, J.A. Os sítios arqueológicos do planalto catarinense, Brasil. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº 24, p. 1-56, 1971.

ROHR, J.A. Os sítios arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia*, Florianópolis, UFSC, ano XVI, nº 17, p. 81-153, 1984.

SCHMITZ, P.I. A cerâmica guarani da Ilha de Santa Catarina e a cerâmica da Base Aérea. *Pesquisas, História*, Porto Alegre, nº3, p. 267-324, 1959.

SCHMITZ, P.I. A ocupação indígena do Oeste Catarinense: In: CARBONERA, M.; SCHMITZ, P.I. (org.). *Antes do Oeste Catarinense: Arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Argos, Editora da Unochapecó, Editora da Unochapecó, 2011, p. 73-104.

SCHMITZ, P.I. et al. Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr SJ. O sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma aldeia da tradição ceramista Itararé. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº49, p. 1-181, 1993.

SCHMITZ, P.I.; BITENCOURT, A.L.V. O sítio arqueológico de Laranjeiras I. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº 53, p.13-76, 1996a.

SCHMITZ, P.I.; BITENCOURT, A.L.V. O sítio arqueológico do Pântano do Sul, SC. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº 53, p. 77-123, 1996b.

SCHMITZ, P.I.; VERARDI, I. Cabeçudas: um sítio Itararé no litoral de Santa Catarina. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº 53, p. 125-181, 1996.

SCHMITZ, P.I. et al. Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº 55, p. 1-164, 1999.

SCHMITZ, P.I. et al. Taió, no Vale do Rio Itajaí, SC. O encontro de antigos caçadores com as casas subterrâneas. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº 67, p.185-320, 2009.

SCHMITZ, P.I. et al. Casas Subterrâneas no Planalto de Santa Catarina: São José do Cerrito. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº 68, p.7-78, 2010.

SCHMITZ, P.I.; FERRASSO, S. Caça, pesca e coleta de uma aldeia Guarani. In: CARBONERA, M.; SCHMITZ, P.I. (org.). *Antes do Oeste Catarinense: Arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Argos, Editora da Unochapecó, 2011, p. 139-166.

SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H. 107 'casas subterrâneas' no povoamento inicial do Jê Meridional. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, nº 21, 2011 (no prelo).

SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H. Pesquisando a trajetória do Jê Meridional. In: II CONGRESSO IBEROAMERICANO DE ARQUEOLOGIA, ETNOLOGIA E ETNOHISTÓRIA, 2012, Dourados, *Anais...* Em CD-ROM.

SILVA, S.B. et al. Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. O sítio arqueológico da Tapera: Um assentamento Itararé e Tupiguarani. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, nº 45, p. 1-210, 1990.